

IX. A interacção

1. A curta/média distância: da Ilha do Pessegueiro ao Baixo Sado

A faixa litoral grosso-modo delimitada a Sul pela foz do rio Mira/Serra do Cercal, a Norte pela foz do Sado/Serra da Arrábida e a Este pelo Sado, na região actualmente denominada por Alentejo, não deve ser tomada como uma única unidade de paisagem, mas como um conjunto de várias, parcialmente integradas: “Alentejo litoral com elevações”, “Depressão do Sado” e “Maciços Calcários da Extremadura e Arrábida” (Ribeiro, 1991, p. 188). A sua configuração orográfica e paisagística, bem como os dados arqueológicos disponíveis, ainda relativamente escassos, levam-nos a tomar esta área como uma primeira escala para comparação de dados, um pouco como já havíamos realizado anteriormente (ver Anexo 5, Fig. 5; Quaresma, 1999b, p. 168).

De uma maneira geral, as importações sudgálicas parecem ser as primeiras de relevo nesta área, particularmente na Ilha do Pessegueiro e em Tróia, com excepção de Alcácer do Sal. A transição para as importações hispânicas e africanas também revelam bastantes semelhanças a Chãos Salgados.

Na Ilha do Pessegueiro (Silva e Soares, 1993, p. 85-101) não foram detectados materiais itálicos; a *sigillata* sudgálica representa 36%; a hispânica, 33% e a africana A, 24%. A importação média anual mais elevada é a sudgálica (15), baixando para 7 na hispânica e 2,8 na africana A.

O espólio sudgálico é semelhante ao de Chãos Salgados: apenas 10% de formas decoradas e um reportório limitado de tipos. A Drag. 15/17 e a 24/25 estão bem representadas (17 e 9%), suplantadas pelas Drag. 18 e 27, sendo esta última taça mais adquirida do que o prato (18,7 e 38%), ao invés do sucedido em Chãos Salgados. O espólio é ainda composto por R. 9, Drag. 33 (apenas 2%, à semelhança de Chãos Salgados), serviço Drag. 35/36 (5%, aproximando-se de Chãos Salgados), e Drag. 30 e 37 (2 e 8%, relação inversa à de Chãos Salgados).

Os primeiros níveis alto-imperiais da Ilha do Pessegueiro pertencem à fase IIA, da segunda metade do século I d.C., quando a ilha terá assumido uma função comercial (Silva e Soares, 1993, p. 85-6). O início desta fase consuma-se na camada 3 do corte P, datada de época cláudio-neroniana, onde apenas existe *sigillata* sudgálica, pelas formas 24/25, 15/17, 27, 18 e 30. O fim desta fase é conhecido pela camada 7 do corte K, datada do último quartel do século I, interpretada como lixeira, rica em material sudgálico (com destaque para a Drag. 37) e hispânico, surgindo as primeiras aquisições africanas, pela forma Hayes 8A. No total da fase IIA, a *terra sigillata* sudgálica representa 69,7%, a hispânica 30% e a africana A apenas 0,3%.

Na fase IIB, datada do século II e primeira metade do III, surgem as estruturas industriais de salga de peixe (Silva e Soares, 1993, p. 101). Os fragmentos de *sigillata* sudgálica podem ser considerados residuais (3,1%). As importações hispânicas tornam-se dominantes (56,8%) e a africana A já está bem representada, com 39,7%. Tal como em Chãos Salgados, o domínio das importações hispânicas parece consumir-se no século II, e a presença de africana A só se torna importante nesta mesma centúria.

Em Sines, os dados exumados no interior da cerca e no Largo S. João de Deus (complexo de tanques de salga de peixe e forno de cerâmica), apontam para um início de actividade igualmente em meados do século I (Silva e Soares, s.d.; Diogo e Reiner, 1987, p. 114). A capacidade volumétrica dos tanques de Sines, 34 634 m³, assemelha-se aos valores da Ilha do Pessegueiro, cujas estruturas DI4 e PI6 atingem 36 265 e 41 426 m³ (Étienne e Mayet, 1993-4, p. 209).

Desta cidade, estão publicados dois exemplares de *terra sigillata* sudgálica, com marca de oleiro (Diogo; Trindade e Costa, 1997). Pertencem a dois oleiros cujas peças também alcançaram Chãos Salgados: *Libertus* (prato, possivelmente Drag. 18, com cartela mal impressa e repetida, IBER[...]IBER[...]) e *Mercator* (taça, possivelmente Drag. 27, com marca OFMERC). A denominação de *officina* por *Mercator* distingue esta peça das outras duas de Chãos Salgados, onde surge em nominativo.

A existência de um pedestal referente a uma estátua de Marte Augusto, datada da segunda metade do século III, sugere um estatuto urbano, pelo menos, no Baixo-Império (Encarnação, 1996).

Da necrópole de Deixa-o-Resto (Santo André) provém um exemplar de Drag. 15/17, com marca de *Sabinus*, OF.SABI, semelhante a um dos três exemplares de Chãos Salgados (Artur, 1955-1956).

Da Courela dos Chãos (possível *villa*, com calçada e hipocausto detectados) conhecem-se 60 fragmentos de *terra sigillata*. Nenhum é itálico e apenas três são sudgálicos, de formas indetermináveis. As produções hispânicas estão igualmente ausentes, e a africana A está representada por escassos 6 exemplares. O grosso da ocupação parece ser baixo-imperial (Coelho-Soares, 1987).

Os dados da parte interior desta área de estudo são muito limitados. Na Herdade dos Conqueiros (Alvalade-Sado), já próximo do rio Sado, conhecem-se um fragmento de *sigillata* hispânica e um outro sudgálico, Drag. 37. A cronologia da ocupação desta possível *villa* começa no século I e estende-se aos finais do século IV (Amaro, 1979).

No baixo-Sado, o volume de dados é mais rico e permite observar a diversidade histórica que uma área pode encerrar.

Em Alcácer do Sal, a escavação de um depósito no castelo deu a conhecer 1014 exemplares de *terra sigillata* (Dias, 1978). A importação de cerâmicas itálicas é maior em face das sudgálicas e hispânicas, num processo decrescente: 8,2 peças/ano, nas primeiras; 7,2, nas segundas; 4,1, nas terceiras.

Apenas 12,7% dos exemplares sudgálicos são decorados e as peças marmoreadas equivalem a 2,3% do espólio liso; 2,3% das peças lisas estão marcadas (Dias, 1978).

Na área do castelo de Alcácer, o oleiro *Labijs* está presente com uma marca (Dias, 1978), bem como *Iucundus* (Silva et al., 1980-1981) e *Vitalis* (Diogo, 1984). Uma forma rara, o cantil H. 13, possui um exemplar (Silva et al., 1980-1981).

A maior vitalidade de Alcácer do Sal parece não ultrapassar o principado de Tibério (Diogo, 1984, p. 51), cedendo o seu papel de polarizador económico a Setúbal e a Tróia, a partir de meados do século I (Serrão, 1990, p. 432).

A evolução das importações em Tróia (Étienne, Makaroun e Mayet, 1994, p. 26-32) condiz com a de Chãos Salgados. As importações itálicas representam apenas 0,2 peças/ano. Também aqui, a *terra sigillata* sudgálica é a primeira produção adquirida em altas quantidades: com 6 peças/ano. As produções hispânicas são bastante menos importantes, com 1,2 de IMA, bem como a africana A, com 1,0.

A implantação das maiores unidades de salga de peixe em Tróia terá ocorrido, assim, em meados do século I, embora o início da ocupação possa recuar alguns anos (Étienne; Makaroun e Mayet, 1994, p. 26-32).

Com uma relação lisas/decoradas semelhante: 84,8/15,2%, o reportório formal é tão diversificado quanto o de Chãos Salgados, não englobando a tigela Ritt. 5, nem o cálide Drag. 11, ou o prato 2 do serviço F, mas contendo outras, conhecidas apenas aqui: 4 exemplares da taça R. 12 e C. 11 e 1 exemplar do tinteiro R. 13. Estão presentes formas antigas como a Drag. 17b, Ritt. 1 e 8, ou a Drag. 16. Os valores dos binómios Drag. 15/17-24/25 e Drag. 18-27 são semelhantes aos de Chãos Salgados: equiparação do Número de Exemplares no primeiro caso (41/42 exemplares) e domínio do prato Drag. 18, no segundo (81/45 exemplares). Também aqui a Drag. 33 é residual e o serviço Drag. 35/36 apresenta valores próximos: 9 exemplares. Nas decoradas, os quantitativos de Drag. 29 e 37 equivalem-se (18 e 16 exemplares) e os da Drag. 30 são mais baixos (8 exemplares), distinguindo-se de Chãos Salgados, neste aspecto.

Conhecem-se 6 exemplares marmoreados (Sousa, 1996) em Drag. 24/25 ou 27, mas também em Ritt. 8 e Drag. 35/36.

Uma das marcas de oleiro sudgálicas pertence a *Sabinus* (Baltasar, 1984-1985).

A estratigrafia conhecida na Praça do Bocage, na área urbana de Setúbal, revela uma evolução das importações de *sigillata* coerente com a tendência dominante, conhecida na área em estudo, com predomínio dos produtos sudgálicos até finais do século I (Silva e Coelho-Soares, 1980-1981). Os 13 fragmentos da fase I (terceiro quartel do século I) correspondem a 1 itálico, 11 sudgálicos (Drag. 24/25, 15/17, 18, 36 e 37) e 1 hispânico. Na fase IIA (implantação da unidade de salga de peixe no último quartel do século I), existem apenas fragmentos de *sigillata* sudgálica, formas Drag. 18 e 24/25 ou 27. A fase IIB corresponde ao funcionamento propriamente dito da unidade fabril, em finais do século I e século II: 11 fragmentos de *sigillata* sendo 9 sudgálicos (Drag. 15/17, 18, 27 e 29), 1 hispânico e 1 de africana A.

2. A Península Ibérica

Apesar do desequilíbrio dos dados disponíveis sobre a dispersão da *terra sigillata* sudgálica na Península Ibérica (ver Anexo 5, Fig. 5 e bibliografia anexa ao mapa) — sendo notório um certo vazio de estudos na área interior, se compararmos com as regiões litorais, em especial a costa este —, procuraremos, neste capítulo, esboçar as tendências comerciais que os dados peninsulares permitem concluir.

2.1. As produções gálicas ao longo do espaço (ver Anexo 4, Fig. 11)

A distinção entre produções de La Graufesenque e Montans é hoje tomada como difícil, como já referido atrás, quando apenas aplicada uma observação macroscópica das pastas e vernizes. Contudo, os estudos existentes, embora embuídos geralmente deste problema analítico, demonstram áreas preferenciais de distribuição, mais credíveis até pela própria identificação da proveniência de alguns oleiros.

Em 1990, Beltrán-Lloris (p. 97) afirmava que as produções de La Graufesenque pareciam dominar a maior parte do território peninsular, enquanto que Montans alcançava de forma significativa a zona da *Via Hispania in Aquitania*, na face esquerda da bacia do Ebro, sendo pontual nas áreas costeiras peninsulares e alcançando pontos interiores mais diminutos, nórdicos (*Celsa*, *Bilbilis* e *Tiermes*).

A escassez de *terra sigillata* sudgálica no Sul da Meseta é explicado por Sánchez-Lafuente (1985), pelo facto de La Graufesenque ter uma difusão essencialmente marítima, enquanto Montans, essencialmente terrestre, pelo que esta área ficaria algo desviada das principais correntes de fornecimento.

As observações possíveis de realizar actualmente não diferem grandemente, apesar de em muitas publicações apenas se indicar proveniência “sudgálica”. La Graufesenque atinge altas percentagens na costa este, em *Valeria* (Sánchez-Lafuente, 1985), Tossal de Manises (Ribera i Lacomba, 1988-9), Morè (VV.AA., 1997), *Ilici* (Montesinos i Martínez, 1998), Valência (Montesinos i Martínez, 1998) e *Saguntum* (Montesinos i Martínez, 1998); na costa sul, em *Baelo* (Bourgeois e Mayet, 1991); na faixa ocidental sul e central, em Mérida (Mayet, 1978), S. Cucufate (Alarcão, Étienne e Mayet, 1990), Represas (Lopes, 1994), Santarém (Viegas, 2001), *Conimbriga* (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975) e *Aeminium* (Carvalho, 1998). Mesmo na região noroeste, o domínio de La Graufesenque é defendido por Carretero Vaquero (2000) e Naveiro López (1991). Segundo este autor, a grande maioria dos motivos decorativos e das marcas são de La Graufesenque, datados de época cláudio-neroniana, e em muitos destes sítios ocorrem peças

marmoreadas. As classificações dos principais sítios revelam abundância de La Graufesenque: em Braga (Delgado e Santos, 1984; Delgado, 1985; Morais, 1997-1998), Monte Mozinho (Carvalho, 1993), Castro de Vigo e Rosinos de Vidriales (Carretero Vaquero, 2000).

A *sigillata* de Montans é dominante no litoral do actual País Basco, em sítios como *Flavio-briga*-Castro Urdiales (Pérez González, 1989), Santa María del Juncal (Izquierdo, 1994), La Matra (Izquierdo, 1994) e em *Pompaelo* (Izquierdo, 1994). Em *Iuliobriga*-Reinosa, já na bacia do Ebro, os dois centros equivalem-se (Pérez González, 1989) e em Herrera de Pisuerga, a maioria das importações provém de La Graufesenque (Pérez González, 1989). *Numancia* (Romero Carnicero, 1985), com domínio de La Graufesenque, reflecte o papel desta produção no interior da península.

No Noroeste peninsular situam-se valores fracos, mas um pouco acima do panorama da restante península: em Castro de Vigo e Monte Mozinho, as percentagens são de 8,6 e 8,7 (Carvalho, 1993). A *sigillata* de Montans terá sido escoada, então, pelo golfo da Aquitânia, encontrando no Norte Peninsular a sua área preferencial de mercado (Izquierdo, 1994).

Na maioria dos sítios, os valores de Montans são baixíssimos, geralmente inferiores a 1%: *Ilici*, Valência, *Saguntum* (Montesinos i Martínez, 1998), *Baelo* (Bourgeois e Mayet, 1991), Merida (Mayet, 1978), Monte da Cegonha e Tourega (Viegas, 2001), S. Cucufate (Alarcão, Étienne e Mayet, 1990), *Conimbriga* (Delgado, Mayet, Alarcão, 1975), *Aeminium* (Carvalho, 1998), Braga (Morais, 1997-1998).

Uma marca de Le Rozier, centro satélite de La Graufesenque, surge em *Baelo* (Bourgeois e Mayet, 1991).

Banassac (em actividade no século II), cuja dispersão atinge o Norte de África (Vernhet, 1986a), está presente em alguns sítios orientais e meridionais do litoral: Valência e *Saguntum* (Montesinos i Martínez, 1998), *Baelo* (Bourgeois e Mayet, 1991), Mérida (Mayet, 1978) e *Balsa* (Nolen e Real, 1994).

Os produtos centro-gálicos de Lezoux ou Martres-de-Veyres são também escassos, surgindo em — entre outros sítios (Beltrán-Loris, 1990): Tossal de Manises, Morè e *Ilici* (Ribera i Lacomba, 1988-1989; VV.AA., 1997; Montesinos i Martínez, 1998), concelho de Vila Viçosa (Alarcão, 1960-1961), ou Herrera de Pisuerga (Pérez González, 1989) e Chãos Salgados.

Se analisarmos a situação geográfica das formas mais antigas de *terra sigillata* sudgálica (ver Anexo 4, Fig. 12), verificamos que a pré-*sigillata* (formas indetermináveis) surge apenas na costa este, em *Baetulo*, Tarraco e Tossal de Manises (Madrid Fernández, 1999; Dupré i Raventos e Carreté i Nadal, 1993; Ribera i Lacomba, 1988-9) e que as formas mais antigas de *sigillata* alcançam, embora ainda em fraca quantidades, alguns sítios que se distribuem por toda a península, embora sobretudo na faixa litoral. Este facto é ilucidativo quanto à capacidade comercial dos produtos sudgálicos, desde época inicial.

O cálice decorado Drag. 11, um pouco mais numeroso, surge numa série de sítios onde se destaca a costa este, mas onde se incluem quase todas as outras, à excepção do Noroeste, e apesar do interior meseteno só estar representado por *Arcobriga* (Castellano Castillo, 2000). A esta região chegou ainda a tigela H. 31, a *Segobriga* (Almagro-Gorbea e Lorrio, 1989).

Já o prato Drag. 17a alcança o Noroeste, em Monte Mozinho (Carvalho, 1993), tal como o Drag. 2/21, em Braga.

Embora os sítios da costa oriental estejam bem representados, estes primeiros produtos alcançam a um nível semelhante a zona ocidental, onde se destaca Represas, importador de Drag. 11, 17a, 17b, 24, lagoena, Drag. 19 e 2/21 (Lopes, 1994).

O comércio de formas mais raras atinge igualmente o espaço peninsular de maneira abrangente, constituindo um outro indicador da competitividade dos oleiros e fornecedores sudgálicos (ver Anexo 4, Fig. 13).

Dois sítios, nas áreas sul e ocidental, destacam-se por um maior número de formas raras nos seus espólios: *Baelo* (Bourgeois e Mayet, 1991) e Represas (Lopes, 1994). O primeiro recebeu o cálice H. 4, a taça Ritt. 12, os pratos Drag. 15 e 16 e H. 2/12, o tinteiro Ritt. 13, a garrafa H. 15, e a taças decoradas K. 78 e H. 9. Ao longo do século I, Represas também importou a taça R. 12, os pratos Drag. 16 e 4/22, H. 2/12, o cantil H. 13, bem como exemplares de copo, pátera, forma fechada não diagnosticada e de garrafa (sem tipos atribuídos).

Formas cujo início de produção é essencialmente flaviano — embora possa recuar a Nero — demonstram a continuidade do alcance geográfico desta *sigillata*: os elementos dos “serviços flavianos” encontram-se em poucos sítios, mas alcançam igualmente as várias regiões peninsulares. A taça Vernhet A3 chega a *Segobriga* (Almagro-Gorbea e Lorrio, 1989), o prato Vernhet B2 encontra-se em Morè (AA.VV., 1997), o prato Vernhet C2 está documentado em Santarém (Viegas, 2001) e Santa María del Juncal (Izquierdo, 1994), e a taça Vernhet DI, talvez em *Cartago Nova* (Castellano Castillo, 2000) e no Noroeste (Naveiro López, 1991, p. 31).

2.2. As produções itálicas, sudgálicas, hispânicas e africanas ao longo do tempo

2.2.1. Os dados estatísticos (ver Anexo 4, Fig. 14)

Na análise destes fenómenos e da sua interacção, optámos novamente por focar a nossa atenção nos cálculos da IMA e não tanto nos valores percentuais, já que, embora estes sejam importantes, não nos fornecem uma imagem tão clara da intensidade da oferta/procura de cada uma das produções de *sigillata*. De tal modo que, por vezes, as posições relativas de importância das produções invertem-se, quando calculada a IMA.

Apesar de os vasos sudgálicos serem, de um modo geral, os primeiros a atingir altos níveis de vendas na península, tendência revelada pelas diversas percentagens, com excepção de *Portus Illicitanus* (González Prats, 1984), Ibiza (apenas contando marcas, Fernández, Granados e Villaescusa, 1992) e Herrera de Pisuerga (Pérez González, 1989), a verdade é que os valores de importação média anual indicam uma importância maior para as compras de bens itálicos em diversos sítios, embora minoritários.

Assim acontece em sítios de funções militares, como Herrera de Pisuerga, importante já em época augustana, no Norte peninsular (Pérez González, 1989); em sítios de origem pré-romana no interior norte, como *Numancia*, *Complutum* e *Segobriga* (Romero Carnicero, 1985; Fernández-Galiano, 1984; Almagro-Gorbea e Lorrio, 1989) ou na faixa ocidental, como Braga, Santarém ou Alcácer do Sal (Morais, 1997-8; Viegas, 2001; Dias, 1978; Diogo, 1984); ainda no Sul da faixa ocidental, o sítio romano da Lezíria (Arruda e Dias, 1985). Este fenómeno é mais intenso na costa oriental, onde valores itálicos ligeiramente inferiores aos sudgálicos sucedem-se em vários sítios, como *Ilici*, *Saguntum*, Valência, *Portus Illicitanus* e Tossal de Manises (Montesinos i Martínez, 1998; González Prats, 1984; Ribera i Lacomba, 1988-1989; Almagro-Gorbea e Lorrio, 1989).

Em Tossal de Manises (Ribera i Lacomba, 1988-1989), a *sigillata* sudgálica sofre a concorrência, ainda que tímida, da congénere tardo-itálica (11,3%), produção mal conhecida na península, talvez por dificuldades de classificação macroscópica. Na costa ocidental, esta produção foi detectada em Tróia (24 fragmentos), Alcácer do Sal, *Conimbriga*, Represas e *Balsa*, bem como noutros sítios peninsulares, em áreas que não o Noroeste ou a Meseta interior (Sepúlveda, 1996).

Do conjunto das quatro produções em comparação, a *terra sigillata* sudgálica detém os níveis percentuais mais altos, excepto em *Portus Illicitanus* (González Prats, 1984) e Ibiza (Fernández, Granados e Villaescusa, 1992), devido à *sigillata* itálica; e em Valência (Montesinos i

Martínez, 1989), *Valeria* (Sánchez-Lafuente, 1985, Represas (Lopes, 1994), S. Cucufate (Alarcão, Étienne e Mayet, 1990), Mte. Mozinho (Carvalho, 1993), Herrera de Pisuerga (Pérez González, 1989) e *Segobriga* (Almagro-Gorbea e Lorrio, 1989), devido à hispânica. Contudo, se aplicarmos o cálculo da IMA, a situação é análoga, mas com alguns sítios diferentes: A *sigillata* hispânica é mais importante igualmente em S. Cucufate e Monte Mozinho (também no Noroeste, é a mais numerosa de Castro de Vigo — Hidalgo Cuñarro, 1987), mas também em Povos (Dias, 1995-1997), *Numancia* e *Complutum* — já não em *Segobriga* — (Romero Carnicero, 1985; Fernández-Galiano, 1984) e igualando-se à sudgálica em Herrera de Pisuerga. Assim, um consumo mais intenso, mas nem sempre maioritário, de *terra sigillata* hispânica é verificável em sítios do Norte central e ocidental, e em dois casos do centro-sul ocidental, não se verificando esse fenómeno no Oriente — apesar da proximidade aos centros produtores, nomeadamente do Ebro —, nem no Sul, em *Baelo* (Bourgeois e Mayet, 1991). De modo análogo, na costa norte, Santa María del Juncal (Izquierdo, 1994) é claramente dominado pelas produções sudgálicas, distinguindo-se da “norma” dos sítios mais interiores.

Em vários dos sítios apresentados não é possível indicar os valores de *terra sigillata* africana A, por desconhecermos os dados estatísticos. Contudo, esta produção apresenta, em todos os sítios indicados, valores de IMA baixos ou muito baixos (entre 0,1 e 3), excepto em *Baelo*, na costa sul, com 15 peças/ano, valor superior ao hispânico (Bourgeois e Mayet, 1991). A sua distribuição peninsular ter-se-á realizado essencialmente na metade sul e na costa este (Quaresma, 1999b, p. 173). A Ocidente, *Conimbriga* parece ser o limite setentrional da sua difusão, a Norte da qual só se detecta esporadicamente (Quaresma, 1999b, p. 173).

A menor importância da *terra sigillata* hispânica na costa este pode ter como explicação o consumo preferencial desta produção africana, desde finais do século I d.C. (Ribera i Lacomba, 1988-1999, p. 184; Reynolds, 1984, p. 475), embora fosse necessário especificar qual o peso da fase A1.

Ambas terão, no último quartel do século I, substituído gradualmente o consumo dos vasos sudgálicos na península.

2.2.2. Os dados estratigráficos

Não são muitos os contextos crono-estratigráficos disponíveis acerca da evolução do comércio da *terra sigillata* na península, ao longo do século I d.C., podendo atingir os inícios do século II.

Em *Baetulo* (Comas et al., 1994; Madrid Fernández, 1999), as escavações têm proporcionado alguns contextos fechados, cuja informação tem permitido explicar o fenómeno desde Tibério a finais da centúria ou inícios do século II.

Na segunda fase estratigráfica do *cardo* e de uma casa do Carrer Lladó, datada dos últimos 20 anos do século I a.C., surgem alguns fragmentos de possível pré-*sigillata* sudgálica.

Na Casa do Carrer Fluvià, um poço inutilizado nos anos 20/30 do século I comprova o início das importações de *sigillata*, em época tiberiana. As importações itálicas são as mais abundantes e coexistem com 6/7 fragmentos sudgálicos (Ritt. 9, Drag. 29, possível *gobelet* decorado). Paredes finas, tipo Mayet XIV, XVII e XXIV (com ausência das béticas cláudias), estão associadas.

Um contexto de época cláudia, igualmente um enchimento, mas de uma cisterna de uma *Domus*, na rua Pajol, proporcionou paredes finas cláudias tipo Mayet XXXIV e XXXIII e 53 fragmentos de *sigillata*: os vasos itálicos são residuais e 40 fragmentos são sudgálicos (Drag. 2/21, 15/17, 24/25, 18a, 27 e 29b; os pratos têm canelura no fundo interno). Embora já haja cerâmica africana de cozinha, a *terra sigillata* africana A está ausente.

Níveis de abandono de duas *Domus* na rua Lladó e na rua Fluvià, bem como de um edifício de taberna na praça Font i Cusso, foram datados de época flaviana. As percentagens sudgálicas são ainda predominantes (76%), seguidas pelas hispânicas (Drag. 18 e 37, H. 13), com somente 22% e pelas da africana A, que surge timidamente, com 2%, composta por formas fechadas domicianas. Este contexto pode ser um bom exemplo para a necessidade de rever o papel concorrencial da *terra sigillata* africana A, na época flaviana, já que é provável que a fase A1 africana seja ainda residual em muitos sítios da península, tal como acontece em Chãos Salgados.

A *sigillata* sudgálica deste contexto continua rica em formas (por ordem de importância): Drag. 29, 27, 37, 18, 24/25, 35, 29/37, 33, 15/17, 30, H. 12, Ritt. 8 e Drag. 2/21. Contudo, estima-se que a importação de vasos sudgálicos termine nos finais do século I ou inícios do século II (Madrid Fernández, 1999, p. 165).

Em Valência e *Saguntum* (Ribera i Lacomba e Poveda Navarro, 1994), apesar de haver poucos dados estratigráficos relativos à época júlio-cláudia, parece ocorrer um predomínio da *sigillata* sudgálica a partir de Cláudio. As importações hispânicas surgem em Vespasiano e rapidamente suplantam as sudgálicas, particularmente em Valência, quando se verifica um forte desenvolvimento urbano. Nesta cidade, nos anos 70-80 d.C., a *sigillata* hispânica corresponde a 58% e a sudgálica a 42%; entre 80 e 100 d.C., as hispânicas representam 79%, as sudgálicas 20% e surge a Africana A (tal como em *Baetulo*), com 1%. Nos finais da época flávia terminarão as importações sudgálicas.

Em *Complutum* (Fernández Galiano, 1984), a escavação de El Viso forneceu uma estratigrafia que percorre quase todo o século I: no nível IV (1.º quartel do século I), surge apenas *sigillata* itálica; no nível III (20-45 d.C.), a *sigillata* itálica tem 16 fragmentos e a sudgálica 1 fragmento; no estrato II (45-60 d.C.), a importação sudgálica torna-se predominante, com 22 fragmentos, contra 8 itálicos e 1 hispânico; no estrato I (60-70 d.C.), subsiste o domínio sudgálico, mas a *sigillata* hispânica aumenta os valores.

Na Península Itálica, as escavações de *Ostia* e de Roma têm revelado este comércio entre a época júlio-cláudia e os inícios do século II, embora sempre em fracas percentagens, pois os fabricos itálicos são sempre dominantes. Apesar de Martin (1994, p. 116) distinguir um pico estatístico em Cláudio-Nero e uma diminuição do volume das importações ao longo dos flávios, a verdade é que os dados apresentados indicam um claro aumento das importações em época flávia, ao contrário do que o autor conclui: as camadas flavianas do *Forum Transitorium* incluem 13,7% de *sigillata* sudgálica (p. 118) e as camadas domicianas — camada V do ambiente VI, camadas da fase II da área NE, e camada V da área SO — das Termas do Nadador, possuem 6,9, 14,7 e 16,0%, respectivamente. Estas percentagens contrastam com as camadas conhecidas, júlio-cláudias e trajanas, cujas percentagens se situam entre 0,4 e 4,8%. No interior do espólio sudgálico, os produtos de La Graufesenque são claramente dominantes (Martin, 1994).

Este conjunto de estratigrafias coloca um pouco em questão o hábito de datar de Cláudio-Nero as fases de domínio sudgálico, já que este pode manter-se em época flaviana, embora provavelmente apenas na parte inicial, grosso-modo vespasiana, no que toca à Península Ibérica. As percentagens flavianas na Península Itálica são um outro indicador das potencialidades do comércio sudgálico nesta época.

2.3. Aspectos estruturais dos espólios

A composição à base de formas lisas é um aspecto recorrente dos espólios sudgálicos ao longo da península (ver Anexo 4, Fig. 15). Em muito poucos casos, o conjunto das formas decoradas atinge valores próximos das primeiras e restringem-se apenas à costa este: Valeria

(45,8%), *Ilici* (44%) e Morè (43,9%) (Sánchez-Lafuente, 1985; Montesinos i Martínez, 1998; VV.AA., 1997).

Somente em dois casos, no Ocidente, apenas ocorrem cerâmicas lisas: Povos e Monte Moziño (Dias, 1995-1997; Carvalho, 1993).

Na região do Algarve, o espólio de Lezíria é demasiado reduzido para uma estatística fiável (Arruda e Dias, 1985) e a coleção de *Balsa* parece ser uma recolha premeditada de peças de escavação (Nolen e Real, 1994).

A constância do valor aproximado de 80%/20% para a relação lisas/decoradas assemelha-se ao do naufrágio vespasiano de Cala Culip IV — 72,1-27,9% — (Nieto Prieto et al., 1989).

Uma tendência semelhante parece ocorrer ao nível das marcas. Novamente surgem sítios da costa este com um valor de peças marcadas mais alto: *Valeria* — 17,6% — (Sánchez-Lafuente, 1985), *Ilici* — 11,1% — (Montesinos i Martínez, 1998) e Valência — 11,8% — (Ribera i Lacomba, 1981); mas também em *Baelo* — 14,9% — (Bourgeois e Mayet, 1991) e em Azeitada, junto a Santarém — 13,1% — (Quinteira, 1998). Mais uma vez, consideramos os dados de *Balsa* como resultantes de uma amostra desvirtuada (Nolen e Real, 1994).

As peças marmoreadas (ver Anexo 4, Figs. 16 e 17), fabricadas em La Graufesenque entre 40 e 70 d.C. (Vernhet, 1976) atingem todo o espaço peninsular, em percentagens reduzidas, destacando-se dois sítios da costa este (*Valeria* e *Cartago Nova*) e *Baelo* (Sánchez-Lafuente, 1985; Castellano Castillo, 2000; Bourgeois e Mayet, 1991), cujos valores rondam os 5%, bem como Mérida, com o valor mais alto de todos — 6% — (Mayet, 1978). Na Península Itálica, as peças marmoreadas chegam a atingir 50% dos espólios de certas formas, sobretudo lisas, o que revela um outro mercado, com capacidade de aquisição diferente da do ibérico (Martin, 1994).

Na Meseta, este comércio atinge *Segobriga*, com valores razoáveis — 2,6% — (Almagro-Gorbea e Lorrio, 1989) e no Noroeste surge em vários sítios (Carretero Vaquero, 2000, p. 350).

As formas mais comuns são as Drag. 15/17, 18, 24/25, 27, 35/36 ou a Ritt. 8.

Em Cartago Nova, surge o tinteiro H. 18 e a Drag. 29 (Castellano Castillo, 2000). Esta forma decorada também surge em *Ilici* (Montesinos i Martínez, 1998) e Numância (Romero Carnicero, 1985). Outra peça decorada, a Déch. 67, bem como a Drag. 29 surgem em *Segobriga* (Almagro-Gorbea e Lorrio, 1989).

Os espólios mais diversificados surgem em *Segobriga* e na costa leste, em *Ilici* e Cartago Nova, mas também em *Baelo*, que tal como Cartago Nova importou o prato Drag. 4/22 (Bourgeois e Mayet, 1991).

O verniz marmoreado surge realizado com diferentes técnicas, em Herrera de Pisuerga (Pérez González, 1989), Numância (Romero Carnicero, 1985) e Tróia (Sousa, 1996). Nos três sítios surgem exemplares de Drag. 27, H. 13 e Ritt. 8, respectivamente, com verniz totalmente amarelo, técnica já referida por Hermet (1934, p. 178).

Em Herrera de Pisuerga surgem ainda peças com verniz branco e listas vermelhas de tom mais acentuado do que o normal nas marmoreadas e que Perez Gonzalez (1989, p. 319) sugere serem imitações de marmoreadas. Peças realizadas com a mesma técnica surgem noutros sítios do Norte peninsular (Pérez González, 1989, p. 319).

Diferentes comportamentos regionais na aquisição de *sigillata* sudgálica são espelhados por outros fenómenos como os valores da tigela Drag. 33 (ver Anexo 4, Fig. 18). Esta forma surge em quantidades muito baixas na esmagadora maioria dos sítios peninsulares, geralmente não atingindo a dezena de exemplares. Dois sítios ocidentais destacam-se pelo número elevado de peças: Represas (Lopes, 1994) e *Conimbriga* (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975), o primeiro com 183 exemplares e o segundo com 20 exemplares. A alta frequência de Represas possibilita o questionamento do significado funcional desta suposta *villa*, enquanto foco redistribuidor (Lopes, 1994, p. 103; Serão e Marques, dirs., 1990, p. 435), e pode ser uma hipótese explicativa dos valores de *Conimbriga*.

Aquando da apresentação do espólio de Chãos Salgados referiu-se a problemática do conceito de “serviço” na funcionalidade da *sigillata* sudgálica. Coligindo os dados peninsulares sobre as frequências dos dois binómios prato/tigela mais importantes, Drag. 15/17-24/25 e 18-27, concluiu-se que em poucos casos se verifica um equilíbrio — podendo este ser um reflexo de uma materialização do conceito de serviço — entre pratos e tigelas (ver Anexo 4, Fig. 19). Esse equilíbrio ocorre nos dois binómios, em *Segobriga* (Almagro-Gorbea e Lorrio, 1989), Mérida (Mayet, 1978) e Santarém (Viegas, 2001). Em Tróia (Étienne, Makaroun e Mayet, 1994), *Conimbriga* (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975) e Mte. Mozinho (Carvalho, 1993) existe um equilíbrio no binómio mais antigo, que se perde no segundo.

Em Tróia e Monte Mozinho, o desequilíbrio é provocado pelo aumento da frequência do prato Drag. 18. O aumento da aquisição de pratos, em detrimento das tigelas, ao longo do século I, é verificável em muitos outros sítios, em toda a península, excepto na Meseta: *Valeria* (Sánchez-Lafuente, 1985), *Baelo* (Bourgeois e Mayet, 1991), Valência (Castellano Castillo, 2000), Mérida (Mayet, 1978), Represas (Lopes, 1994) e Azeitada (Quinteira, 1998).

Outros sítios mantêm a preferência pelas tigelas ao longo dos dois binómios: Ilici (Montesinos i Martínez, 1998), Cartago Nova (Castellano Castillo, 2000), Tossal de Manises (Ribera i Lacomba, 1988-9), na costa leste; *Arcobriga* (Castellano Castillo, 2000), Numância (Romero Carnicero, 1985) e Herrera de Pisuerga (Pérez González, 1989), no Centro-Norte.

Em dois sítios uma maior aquisição de prato é substituída por uma maior aquisição de tigela: Ilha do Pessegueiro (Silva e Soares, 1993) e Santa María del Juncal (Izquierdo, 1994).

Em *Conimbriga* (Delgado, Mayet e Alarcão, 1975), um equilíbrio no primeiro binómio dá lugar a uma maior aquisição da tigela Drag. 27.

Examinar estes valores só por si pode ser desvirtuador, já que as flutuações podem por vezes ser condicionadas pelas conjunturas económicas dos povoados. Apesar do equilíbrio estatístico, parece haver uma ligeira tendência para o aumento da aquisição de pratos, vendo o fenómeno no seu todo. Esta ideia vem igualmente expressa pelos dados de Cala Culip IV, vespasiano (Nieto Prieto et al., 1989), cujo espólio integra 85 exemplares de Drag. 15/17, 309 de Drag. 24/25, 974 de Drag. 18 e 518 e Drag. 27, o que perfaz um total de 1059 pratos e 827 tigelas.

2.4. Distribuição de oleiros: algumas pistas (ver Anexo 4, Fig. 20)

Em trabalho recente, Castellano Castillo (2000) definiu dois grandes grupos de oleiros sudgálicos (com um catálogo que não abrange a totalidade dos mesmos), tendo como critério a distribuição geográfica peninsular das suas peças.

Um primeiro grupo — A — era constituído por oleiros com dispersão basicamente restringida à costa mediterrânica: *L. Cosius Virilis* e *Masculus* (presentes em Chãos Salgados), mas também *Atticus*, *Bilicatus*, *Celere*, *Cenatus*, *Cosius Rufinus*, *C. Iulius Prim Surus*, *Cotto*, *Crispus*, *Crobiso*, *Macrinus*, *Manertus*, *Maternus*, *Melainus*, *Montanus*, *Pleveus*, *Polio*, *Sextus et Canus*, *Vasilius L. Iulius. Vava* e *Vibinus* (Castellano Castillo, 2000, p. 162).

Um segundo grupo — B — era constituído por oleiros cujas peças se difundem por toda a península, embora subdividido em dois sub-grupos: um primeiro, mais reduzido, cujos oleiros atingem mais facilmente o interior (*Primus* e *Vitalis* — presentes em Chãos Salgados —, e também *Secundus* e *Silvanus*); um segundo, mais numeroso, cujo comércio continua a ser predominantemente litoral (*Iucundus*, *Labio*, *Mommo*, *Murranus* — presentes em Chãos Salgados —, mas também *Albinus*, *Capito*, *Castus*, *Cocus*, *Firmo*, *Modestus*, *Memor*, *Patricius*, *Severus*, *Silvinus*, *Silvus* e *Verecundos*) (Castellano Castillo, 2000, p. 163).

Poderíamos ainda acrescentar ao grupo A *Bassus*, *Bassinus*, *Libertus* e *Passenus*, presentes em Chãos Salgados, mas cuja difusão é mais intensa na costa mediterrânica.

Os restantes oleiros presentes em Chãos Salgados parecem englobar-se no grupo B de vertente litoral, apenas sendo mais nítido que alguns surgem em bastantes sítios (*Chrestus-io*, *Rufinus* e *Sabinus*), e outros atingem um número muito limitado, mas difuso (*Iunius*, *Mercator*, *Murrus*, *Nicius*, *Pater* e *Primulus*).

Comparando os dados peninsulares com os itálicos e norte-africanos, Castellano Castillo (2000, p. 163) observa ainda outras quatro situações:

- oleiros mal representados na península (até 5 sítios) não estão presentes em África e Itália, ou são raros; embora alguns oleiros, como *Cosius Rufinus*, *Cennatus*, *Volubilis* e *Sextus Canus* existam em Cartago Nova e na Tingitana, mas não na Itália;
- oleiros representados em 5/10 sítios peninsulares têm uma difusão predominantemente situada na Península Ibérica e Norte de África (*Severus* e *Iustus* de La Graufesenque; *Ingenuus* e *Celer* de Montans; *Perrus* de Banassac);
- oleiros representados na península em 11/15 sítios têm uma presença mais forte no Norte de África e Itália (*Silvius*, *Firmus* e *Modestus*);
- oleiros com peças em mais de 15 sítios peninsulares encontram-se sempre na Itália (excepto *Crestio*) e Norte de África (*Mommo*, *Vitalis*, *Iucundus*, *Sabinus*, *Murranus*, *Crestio* e *Primus* — presentes em Chãos Salgados —, e *Secundus*, *Patricius* e *Silvanus*).

Alguns oleiros presentes em Chãos Salgados incluem-se, então, neste último grupo de Castellano Castillo.

Dos 5 oleiros com fraca presença peninsular, presentes em Chãos Salgados, *Iunius*, *Nicius*, *Primulus*, *Mercator* e *Murrus*, apenas os últimos dois atingem o Norte de África, na Mauritânia Tingitana (Laubenheimer, 1979).

Bassinus, *Libertus*, *Masculus*, *L.C. Virilis* (Tingitana) e *Passenus* (Argélia e Tingitana) (Laubenheimer, 1979; Guéry, 1979) podem incluir-se no segundo grupo de Castellano Castillo, já que não surgem na Península Itálica. *Crestus-io* (Argélia), embora muito bem representado na península, não surge na Itália (Martin, 1994).

Bassus (Tingitana), *Iucundus*, *Labio*, *Mommo*, *Murranus*, *Primus*, *Rufinus* e *Vitalis* (Argélia e Tingitana) atingem igualmente a Itália (Laubenheimer, 1979; Guéry, 1979; Martin, 1994), pelo que deverão pertencer ao quarto grupo de Castellano Castillo.

Um outro estudo, que inclui alguns oleiros presentes em Chãos Salgados, realizado por Mees (1994), utiliza uma escala menor, procurando ver a dispersão de um conjunto de oleiros ao longo do Ocidente romano. As frequências obtidas indicam uma dispersão na Tarraconense para *Iucundus*, sendo mesmo o único oleiro nesta posição; *Sabinus* centra o seu comércio na Narbonense; *Mommo*, na Narbonense e Itália; *L.C. Virilis*, *Passienus* e *Masculus*, na Gália Lugdunense, na Gália Bélgica e na Germânia Superior; *Murranus*, *M. Crestio* e *Vitalis*, na Britânia e na Germânia Inferior.